



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

ANTES E DEPOIS DO TIRO: A PSICOSFERA DO SUICÍDIO

Anderson Silva Jacomini

BRASÍLIA
2025

ANDERSON SILVA JACOMINI

ANTES E DEPOIS DO TIRO: A PSICOSFERA DO SUICÍDIO

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL como requisito para obtenção de título de licenciado em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília – UnB.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Victor Rocha Pinezi

BRASÍLIA

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à espiritualidade amiga por me acompanhar no percurso dessa graduação, dando-me o direcionamento espiritual necessário a esta jornada. Espiritualidade que me motivou a dedicar meus trabalhos de pesquisa aos estudos da Literatura Espírita antes mesmo do primeiro dia de aula nesta instituição e que se me revela por caminhos tão diversamente simbólicos, mas igualmente bonitos, como os do Espiritismo e da Umbanda, representados em minha vida pelo Centro Espírita Lar de Santíssima Trindade e pelo Terreiro de Umbanda Casa de Vó, respectivamente.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa Literatura e Espiritualidade (GPLE) e em especial à Professora Doutora Ana Cláudia da Silva, por me auxiliarem nos estudos literários, dando-me suporte e ensinando os caminhos iniciais da pesquisa.

Agradeço ao Professor Doutor Gabriel Victor Rocha Pinezi pela compreensão e apoio na minha rota estudantil e pela orientação que me presta na área de estudos literários, acolhendo meus interesses de pesquisa e ampliando minha visão no campo acadêmico.

Agradeço ao querido Alesso Agra pela companhia constante e pela parceria que mais uma vez estabelecemos nessa jornada terrena; nunca me esquecerei do amparo e do carinho compartilhados.

Agradeço à minha amiga Vitória Kalil por ter me acompanhado durante toda a graduação e pela amizade que nutrimos, bem como a todos os amigos que estiveram comigo durante os anos deste curso.

Por fim, agradeço à minha família pelo suporte de toda uma vida; ao meu pai Carlos Jacomini pelo sensível apoio, singularmente nos últimos anos de graduação e, em especial, à minha mãe Maura Jacomini (*in memoriam*) por ser presença constante em minha vida e ter deixado em mim a marca do amor, que sempre me acompanhará.

Sentia-me, pois, ainda cego; e, para cúmulo do meu
estado de desorientação, encontrava-me ferido.
Tão somente ferido e não morto! Porque a vida continuava
em mim como antes do suicídio!

(Botelho, 2009, p. 42)

RESUMO

Investigo neste trabalho a relação entre espaço, subjetividade e suicídio, utilizando-me da literatura espírita e de estudos críticos da suicidologia como base. O ponto de partida foi a impossibilidade de se obter relatos diretos de pessoas que cometeram o autoextermínio. A partir dessa lacuna, registrada em muitos trabalhos teóricos, recorro à literatura espírita, especificamente a *Memórias de um Suicida*, de Camilo Cândido Botelho e psicografia de Yvonne do Amaral Pereira, para entender como a fenomenologia espírita propõe uma continuidade de consciência após o suicídio, bem como recorro à noção de psicosfera, utilizada no campo de conhecimentos espíritas, a fim de compreender a relação entre espaço e subjetividade, especialmente a do sujeito suicida. O estudo evoca conceitos como o cenário do espetáculo suicida (Marquetti, 2022), a construção simbólica de lugares e “não lugares” (Macho, 2021) e a noção de psicosfera (Luiz, 2016; Teixeira, 2014) a fim de compreender a interconexão entre consciência — individual e coletiva — e espaço. O romance *Memórias de um Suicida* é analisado em dois momentos narrativos, sendo o primeiro e o último capítulos do livro, quais sejam “O Vale dos Suicidas” e “A mansão da Esperança”. Concluo, ao fim, que a literatura espírita oferece uma abordagem ímpar sobre os estudos da suicidologia crítica, ampliando as possibilidades de análise para além do ato de autoextermínio. Além disso, a noção suscitada de psicosfera estende a compreensão semântica do espaço, observando-o por um viés subjetivo tanto antes, quanto depois do ato suicida, contribuindo para um debate focado na convergência das áreas social, literária e espiritual.

Palavras-Chave: Suicídio, Suicidologia Crítica Literária, Literatura Espírita, Psicosfera

RESUMEN

Este estudio examina la relación entre el espacio, la subjetividad y el suicidio, tomando como base la literatura espírita y los estudios críticos de suicidología. La premisa fundamental radica en la imposibilidad de obtener testimonios directos de individuos que han cometido autoexterminio, una limitación recurrente en los estudios teóricos sobre el tema. Frente a esta ausencia, recurro a la literatura espírita, específicamente a *Memorias de un suicida*, de Camilo Cândido Botelho y psicografiado por Yvonne do Amaral Pereira, con el propósito de explorar cómo la fenomenología espírita plantea una continuidad de la conciencia tras el suicidio. Asimismo, profundizo en el concepto de psicofera, ampliamente utilizado en el conocimiento espírita, para analizar la interrelación entre el espacio y la subjetividad del sujeto suicida. El análisis se fundamenta en conceptos clave como la teatralización del suicidio (Marquetti, 2022), la construcción simbólica de los "lugares" y "no lugares" (Macho, 2021), y la noción de psicofera (Luiz, 2016; Teixeira, 2014), con el fin de entender la interacción entre la conciencia —tanto individual como colectiva— y el entorno. El estudio se centra en el examen de dos momentos narrativos fundamentales en *Memorias de un suicida*: el capítulo inicial, "El Valle de los Suicidas", que representa el sufrimiento post mórtem, y el capítulo final, "La Mansión de la Esperanza", que simboliza la regeneración espiritual y el aprendizaje del alma en tránsito. Los hallazgos de esta investigación demuestran que la literatura espírita proporciona una perspectiva singular en el campo de la suicidología crítica, ampliando las fronteras del análisis más allá del acto de autoexterminio. Además, la noción de psicofera permite una nueva interpretación del espacio, entendiéndolo desde una dimensión subjetiva tanto previa como posterior al suicidio. Al integrar elementos del pensamiento espiritual, social y literario, esta investigación contribuye a un enfoque interdisciplinario que amplía la comprensión de la relación entre subjetividad, espacio y muerte.

Palabras clave: Suicidio, Suicidología Crítica Literaria, Literatura espiritista, Psicofera

ÍNDICE

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	07
2. ANTES DO TIRO: O LUGAR DO ESPETÁCULO SUICIDA.....	09
3. DEPOIS DO TIRO: <i>MEMÓRIAS DE UM SUICIDA</i>	11
3.1 O Vale dos Suicidas e A mansão da esperança: estéticas da dor e do deleite.....	14
4. ANTES E DEPOIS DO TIRO: PSICOSFERA E SUICÍDIO.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	24

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Foi no I Seminário Internacional de Estudos Críticos sobre o Suicídio (2024) organizado, dentre outros pesquisadores, pelo meu orientador Gabriel Pinezi, que me liguei à possibilidade de pesquisa no campo da suicidologia a partir de uma fala da pesquisadora Fernanda Marquetti durante a mesa “O suicídio como espetáculo e sua essência transgressora”. Em sua instrutiva exposição, ela pontuou que o trabalho de levantamento da ocorrência suicida é geralmente aproximativo diante da impossibilidade lógica de se obter relatos do suicida, o que decorre em lacunas nas reconstruções feitas. Os dados são então colhidos a partir da contribuição de terceiros, de consultas a registros públicos ou por meio da observação da cena suicida, em geral feita *a posteriori* (informação verbal)¹. A impossibilidade é reafirmada pela pesquisadora em seu livro *O suicídio como espetáculo na metrópole*, com a constatação de que “a construção e significação primeira do ato suicida, feita pelo próprio sujeito suicida, são impossíveis de serem alcançadas e que os sujeitos abordados nos oferecem sempre uma leitura de ‘segunda mão’, como definiria Geertz” (Marquetti, 2022, p. 33).

Atentei-me então ao fato de que essa impossibilidade não se realiza no campo dos estudos espíritas — ou não se impõe de forma terminativa — e de que noções como a transmigração do espírito e a comunicabilidade dos espíritos, dentre outras, permitiriam adensar essa discussão, senão no campo científico, ou mesmo religioso, certamente no campo filosófico-literário. Especialmente na literatura, essa mesma questão aparece de forma dramática no famoso solilóquio de Hamlet, no qual o príncipe da Dinamarca aponta para a impossibilidade de o suicídio colocar um ponto final na vida, uma vez que, como demonstrava a presença do espírito de seu pai na corte, nós humanos sobrevivemos à nossa morte. A questão da imortalidade da alma, colocada na tradição desde o *Fédon* de Platão, passando pela Comédia de Dante, as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e tantos outros textos do cânone ocidental, apresentava assim um problema teórico comum aos estudos literários e aos estudos espíritas: como podemos determinar o “fim” de uma história, se a

¹ Informação fornecida pela pesquisadora Fernanda Marquetti no I Seminário Internacional de Estudos Críticos sobre o Suicídio (2024).

história permanece e sobrevém à morte dos indivíduos? E o que isso implica em relação à reflexão crítica sobre o ato suicida?

A fenomenologia espírita poderia servir de respaldo a essas perguntas iniciais, auxiliando-nos a revisitar o ato suicida por meio de relatos do seu próprio agente a partir de cartas psicografadas, mensagens psicofônicas ou livros ditados, por exemplo. Ative-me, entre as diversas possibilidades, a pensar um diálogo possível entre a literatura espírita - há muito do meu interesse - e o campo de estudos da suicidologia crítica literária, que se me foi apresentado naquele seminário. Nesse contexto, o resgate da obra *Memórias de um Suicida*, de Camilo Cândido Botelho e psicografia de Yvonne do Amaral Pereira, foi praticamente instintivo, dada a relevância do romance para a literatura espírita.

O livro *Memórias de um Suicida* começou a ser psicografado em 1926, mas sua primeira publicação data de 1955, pela editora FEB (Federação Espírita Brasileira). A história baseia-se na partilha de experiências do Espírito Camilo Cândido Botelho, autor e narrador, o qual descreve a sua dolorosa trajetória no plano espiritual após suicidar-se com um tiro na cabeça. Descobrimo-nos ainda vivo, Camilo inicia uma longa jornada por ambientes sombrios, desoladores, de muita perturbação, progredindo por um caminho de resgate, de cura e de conscientização que se desnova em ambientes espirituais voltados ao restabelecimento da saúde e à educação de espíritos que praticaram o autoextermínio.

A temática do “espaço” é um elemento singular desse romance. Espaço conceitualmente amplo, que se de(co)nota no local do autoextermínio, elemento do espetáculo à qual se refere Marquetti (2022), mas também no lugar espiritual, fundado ou revisitado na narrativa materializada por Yvonne do Amaral. O primeiro mostra-se como o ponto final, o cenário eleito pelo suicida; o segundo, como o lugar da continuidade, seguido de reticências. Nestas, reside a tragédia literária: a vida, que continua e à qual não se pode pôr fim.

Como agregar então a noção desses dois espaços que se separam por um tiro autoinfligido, no caso de Camilo? Para além de uma simples separação entre um lugar real e um posterior fantástico, idealizado, não haveria um espaço comum em que a psique opera e que os conhecimentos espíritas há muito reconheceriam?

Certo de que a literatura é o campo dos diálogos possíveis, pretendo uma aproximação conceitual da ideia de psicofera, abordada, dentre outros autores, por

Cícero Marcos Teixeira (2014) com o cenário do espetáculo suicida trabalhado por Fernanda Marquetti (2024) e com o lugar narrativo no romance *Memórias de um Suicida*, em especial com os capítulos inicial e final, “O vale dos suicidas” e “A Mansão da Esperança”. De um lado, Marquetti investiga a espacialidade do suicídio na eleição da morte. De outro, a narrativa mediúnica de *Memórias de um Suicida* configura o lugar pós-morte, articulando elementos espirituais e simbólicos na ambientação do destino dos suicidas. A partir dessa dupla abordagem, busco compreender como a psicosfera, enquanto conceito que interliga mente e ambiente, pode servir como eixo de convergência entre esses dois universos a princípio distintos – um de caráter teórico-analítico e outro de natureza literária e espiritista –, permitindo um olhar ampliado sobre a relação entre subjetividade, espaço e morte.

Os estudos sobre a suicidologia crítica literária, bem como os estudos acadêmicos acerca da literatura espírita, ainda são escassos e a fortuna crítica do livro eleito mostra-se ainda muito resumida², não obstante o registro da sua primeira publicação datar de 1955. A junção desses temas é ainda mais inédita, razão pela qual justifica-se o tratamento dessa temática.

2. ANTES DO TIRO: O LUGAR DO ESPETÁCULO SUICIDA

A imagem do folder de divulgação do seminário sobre o suicídio a que aludi me pegou desprevenido. De frente para ela, um profundo silêncio.

² O livro *Memórias de um Suicida* possui muitos estudos e materiais referenciais de cunho doutrinário, como artigos, vídeos, *podcasts*, rodas de conversa, grupos de estudos, dentre outros, mas são escassas as abordagens literárias ou de outras ciências sobre o romance.



Figura 1 - (Freitas, 2024)

Após algum tempo de observação, um estampido interno ressoa partindo o céu, contrário à gota calma que se apresenta. Também ouço o corpo chegando, mas me nego a observá-lo. Entre um ponto e outro há um espaço de puro silêncio que eu, assim como os pesquisadores que tenho lido, pareço querer preencher com muitas perguntas.

Quando li Thomas Macho, que dedica um capítulo de seu livro *Tirar a Vida* aos “Locais de Suicídio”, retornei à arte do folder, de Alice Freitas, e a esse espaço que constrange pelas perguntas que deixa em suspensão. Ele cita Samuel Becket (*apud* Macho, 2021, p. 375), com a epígrafe: “O suicídio perfeito: sair sonambulando pela janela. Mas será que a gente acorda no caminho para baixo?”. Essa pergunta nos reafirma a preocupação com o espaço e com a consciência que o suicida tem ou não sobre ele.

A localização do ato suicida é igualmente uma problemática na estatística, uma vez que esta leva em conta dados como o sexo, a idade, o método e a motivação, mas não engloba o lugar como informação básica. O espaço, pelas características estéticas que carrega, é como espelho da subjetividade e, portanto, elemento fundamental para se compreender o suicídio (Macho, 2021).

Fernanda Marquetti também olha para o lugar do suicídio, focalizando seu estudo na cidade de São Paulo e já de início orienta a visão do leitor para outro viés que não o da morte, mas o da vida, ao afirmar que o ato suicida não se volta para o vazio que tanto se evoca, mas para uma busca por preencher esse vazio. Logo,

trata-se de uma busca por vida e pela construção de seu sentido: "Reconectar os espaços, caracterizar os circuitos mais próprios do ato, interpretar os cenários é sem dúvida reconectá-los à vida" (Marquetti, 2022, p. 18).

Afirma ainda a autora que a cena escolhida pelo suicida nunca é aleatória. A cena traz muitas informações sobre o evento e está repleta de questões socioculturais do sujeito suicida. Ele utiliza o que possui em seu ambiente para o ato e reelabora os objetos escolhidos. Ele constrói o cenário e por ele é construído.

Uma teoria revisitada tanto por Marquetti quanto por Macho e que conversa com o espetáculo suicida é a do "não lugar". Marc Augé, criador dessa teoria, entendia os "não lugares" como espaços funcionais, a exemplo de supermercados, autoestradas, campos de refugiados, estações de trem e outros. Lugares, portanto, que "não criam história, relações, filiações ou identidades, mas apenas solidão e similitude" (Macho, 2021, p. 376). Contrapondo-se a estes "não lugares", estariam os "lugares antropológicos", criadores de contexto, mantenedores das raízes espirituais e ancestrais com o povo: lugares centrais. Marquetti alerta que os "não lugares" podem ser escolhidos por muitos suicidas justamente pela ausência de identidade e vínculo que ofertam, "apontando intuitivamente ou não, para uma das crises da nossa época: a falta de referências constantes e duráveis, a volatilidade dos sentidos, as diretrizes descartáveis, o individualismo, o isolamento" (Marquetti, 2022, p. 115). Thomas Macho amplia o conceito de "não lugar", a fim de permitir uma compreensão de sua relação com o ato suicida:

Os "não-lugares" poderiam ser celebrados também como espaços móveis, como corporificações arquitetônicas da libertação das amarras da estirpe, da história, da dependência social – como lugares definidores de uma passagem que dá forma emancipatória às chegadas e partidas, ao luto e à saudade (Macho, 2021, p. 378).

Essa conceituação de lugares e não lugares é importante, pois a escolha do lugar do suicídio tem tanta importância quanto qualquer outro elemento relacionado ao ato, sendo indicativa do estado subjetivo do suicida, auxiliando a compreendê-lo.

3. DEPOIS DO TIRO: MEMÓRIAS DE UM SUICIDA

Memórias de um Suicida demorou muito a ser publicado, tendo passado por três fases, ou etapas, a saber: 1926 a 1940, recepção e escrita dos primeiros esboços; 1941 a 1945, período de latência e interrupção involuntária das comunicações e 1946 a 1953, retomada das atividades mediúnicas com a transposição das mensagens que, entretanto, ficaram guardadas sem publicação por oito anos (TV CELD, 2024, 43:53).

O início dos relatos data de 1926, segundo introduz a autora, época de sua juventude em que começou a receber a visita de espíritos suicidas em reuniões mediúnicas nas quais era voluntária em Lavras-MG. Dentre os Espíritos, havia um que se destacava pela assiduidade e simpatia de sua presença e que lhe comunicava e ajudava a experienciar as cenas que comporiam o romance (Botelho, 2009). Tais cenas, entretanto, não foram recebidas de forma a compor uma unidade previsível desde o início, sendo reunidas e editadas para publicação posteriormente; incluída uma revisão profunda realizada após a primeira edição pelo Espírito León Denis, orientador espiritual do projeto, conforme noticiado no prefácio da segunda edição, com a seguinte observação:

Nada se alterou, todavia, na feição doutrinária da obra, como no seu particular caráter revelatório. Entrego-a ao leitor, pela segunda vez, tal como foi recebida dos Maiores que me incumbiram da espinhosa tarefa de apresentá-la aos homens. E se, procurando esclarecer o público, por lhe facilitar o entendimento de fastos espirituais, nem sempre conservei a feitura literária dos originais que tinha sob os olhos: no entanto, não lhes alterei nem os informes preciosos nem as conclusões, que respeitei como labor sagrado de origem alheia (Botelho, 2009, p. 15).

A construção do romance em si, como podemos notar nos paratextos, traz nuances valiosas e que renderiam um grande estudo acerca da ficcionalização, ou não, do próprio fazer literário. Nesse sentido, o conjunto textual pode ser entendido como pura ficcionalização tanatográfica e metafísica para alguns leitores, mas para a comunidade espírita e outros leitores apresenta-se primeiramente como livro de relatos autobiográficos, considerado o viés fenomenológico espírita atrelado à criação e à recepção bem-sucedida da obra.

Ainda acerca do processo de criação literária, creio relevante compartilhar a afirmação da autora de que o livro não foi composto por meio da psicografia direta, mas que ela era levada por Camilo a experienciar e testemunhar as memórias e informações e apenas depois as documentava:

Daí em diante, ora em sessões normalmente organizadas, ora em reuniões íntimas, levadas a efeito em domicílios particulares, ou no silêncio do meu aposento, altas horas da noite, dava-me apontamentos, noticiário, periódico, escrito ou verbal, ensaios literários, verdadeira reportagem relativa a casos de suicídio e suas tristes consequências no Além-Túmulo, na época verdadeiramente atordoadores para mim. Porém, muito mais frequentemente, arrebatavam-me, ele e outros amigos e protetores espirituais, do cárcere corpóreo, a fim de, por essa forma cômoda e eficiente, ampliar ditados e experiências. Então, meu Espírito alçava ao convívio do mundo invisível e as mensagens já não eram escritas, mas narradas, mostradas, exibidas à minha faculdade mediúnica para que, ao despertar, maior facilidade eu encontrasse para compreender aquele que, por mercê inestimável do Céu, me pudesse auxiliar a descrevê-las, pois eu não era escritora para o fazer por mim mesma! Estas páginas, portanto, não foram psicografadas, pois eu via e ouvia nitidamente as cenas aqui descritas, observava as personagens, os locais, com clareza e certeza absolutas, como se os visitasse e a tudo estivesse presente e não como se apenas obtivesse notícias através de simples narrativas. Se descreviam uma personagem ou alguma paisagem, a configuração do exposto de definia imediatamente, à proporção que a palavra fulgurante de Camilo, ou a onda vibratória do seu pensamento, as criavam. Foi memo por essa forma essencialmente poética, maravilhosa, que obtive a longa série de ensaios literários fornecidos pelos habitantes do invisível e até agora mantidas no segredo das gavetas, e não psicograficamente (Botelho, 2009, p. 09-10)

Essa experiência mediúnica vívida a que alude Yvonne Pereira marca profundamente a formação estética da obra pela riqueza dos elementos narrativos que oferece e, por conseguinte, influi fortemente na experiência estética do leitor que imerge nos diversos espaços e tempos psicológicos construídos ao longo das quase setecentas páginas do romance.

O elemento espacial, pois, ganha enorme notoriedade desde a estruturação do livro até, e principalmente, o modo como é esteticamente desenvolvido. O livro divide-se em três partes: "Os réprobos, "Os Departamentos" e "A Cidade Universitária". Duas dessas partes, como visto, são intituladas com nomes de lugares e todas elas são iniciadas com capítulos de referência espacial ("O vale dos Suicidas", "A Torre de Vigia" e "A Mansão da Esperança"), o que demonstra uma divisão simbólica e permite também verificar a progressão narrativa do personagem central por meio da descrição de lugares. O capítulo inicial, "O Vale dos Suicidas", ganhou enorme notoriedade a partir da publicação desse romance — o que me parece termômetro importante na verificação de relevância da obra —, razão pela qual o escolhi para análise mais atenta, conjuntamente com o capítulo "A Mansão da

Esperança”, a fim de que eu possa estabelecer um contraponto de estética espacial e melhor exemplificar a noção de psicofera.

Quanto à autoria, Yvonne do Amaral Pereira informa em parte introdutória que foi dado ao autor um pseudônimo: “Chamar-lhe-emos nestas páginas - Camilo Cândido Botelho, contrariando, todavia, seus próprios desejos de ser mencionado com a verdadeira identidade” (Botelho, 2009, p. 08). O autor, porém, é amplamente conhecido por ser Camilo Castelo Branco, o afamado escritor português de mesmas iniciais do pseudônimo eleito. A obra revela características e ocorrências que indicam essa ligação, como o ano da morte, a forma como o Espírito suicidou-se, sua profissão e rotinas, seu estado de cegueira e assim por diante. Este, entretanto, é um tópico para ser destrinchado em outra pesquisa.

3.1 O Vale dos Suicidas e A mansão da Esperança: estéticas da dor e do deleite

Após suicidar-se, Camilo percebe-se aprisionado em um ambiente desolador, num panorama de vales profundos em que sombras sinuosas presidiam e onde eram prolíferas gargantas sinuosas e cavernas sinistras, das quais emergiam uivos de Espíritos que foram homens, dementados como demônios enfurecidos. A paisagem era assombrosa, aflitiva, em que não penetrava outra forma de vida que não a advinda de supremo horror. Esse lugar, repulsivamente adjetivado, com solo imundo, pastoso, escorregadio, repugnante, coberto por matérias fétidas, enegrecidas; com ar pesadíssimo, asfixiante, gelado (Botelho, 2009), é o Vale dos Suicidas, descrito em capítulo de mesmo nome no início da obra.

O leitor é convidado a uma experiência sinestésica excruciante. Ouviam-se uivos, choros convulsivos, assombroso ranger de dentes, queixas, gemidos, gritos enfurecidos. Não se via luz: “não há céu, não há sol, não há perfume, não há tréguas”, tudo em seu interior era miséria e essa atmosfera torturante resultava em sensação de loucura inalterável, raiva envenenada, revolta e muito remorso (Botelho, 2009, p. 21-22). O ambiente do entorno mistura-se ao ambiente interior do personagem, estando intimamente interligados.

Camilo relata em capítulo seguinte: “leveí a destra ao ouvido direito: – o sangue corria do orifício causado pelo projétil da arma de fogo de que me servira para o suicídio e manchou-me as mãos, as vestes, o corpo... Eu nada enxergava, porém”. E continua a afirmar: “levantei-me. Ao fazê-lo, porém, cheiro penetrante de sangue e vísceras putrefatos rescendeu em torno, repugnando-me até às náuseas”. Não sabia como, relata a seguir, conseguia perceber o seu entorno, mas afirma: “Não concluíra ainda minhas ingênuas e dramáticas interrogações, e vejo-me, a mim próprio! Como à frente de um espelho, morto, estirado num ataúde, em franco estado de decomposição, no fundo de uma sepultura, justamente aquela sobre a qual acabava de tropeçar!” (Botelho, 2009, p. 42-46)

Essa descrição me remonta à atmosfera estética realizada em *A Divina Comédia*, na parte “Inferno”, canto XIII, em que os poetas Dante e Virgílio, recém-ingressos também em um vale, deparam-se com o lugar de punição dos suicidas. Nesse local, os poetas descobrem que os suicidas são transformados em árvores de um vale sombrio, em provável prejuízo ao corpo que renegaram, com ramos travados e nodosos, facilmente quebrantáveis e dos quais jorra sangue, gerando dor e agonia. Harpias de uivos insanos com asas largas, garras nos pés, rosto e colo humanos completam a imagética da tortura, ferindo-lhes os corpos-troncos. Grifo algumas semelhanças:

21 Que fiz, ainda lá no mundo estando”.
Em toda parte ouvi grita aflitiva:
Como não via quem assim gemesse,
24 Parei e a torvação se fez mais viva.
Creio que o Mestre cria então que eu cresse
Que **esses lamentos enviava aos ares**
27 Uma turba, que aos olhos se escondesse;
Pois disse-me: “De um tronco se quebrares
Um só raminho, ficarás ciente
30 Desse erro em que se enleiam teus pensares”.
— O braço estendo então e prontamente Vergôntea quebro.
O tronco, assim ferido
33 “Por que razão me arrancas?” diz fremente.
De sangue negro o ramo já tingido,
“Por que me rompes?” — prosseguiu **gemendo**
— 36 “Assomos de piedade nunca hás tido?”
— **“Fui homem, hoje o lenho, que estás vendo!**
Mais compassiva a tua mão seria
(Alighieri, 2017, Inferno, Canto XIII, v. 21-38; grifos meus)

Sobre *A Divina Comédia*, Salvador Dalí produziu ilustrações de todos os seus cantos que acabaram por ficar guardadas, uma vez que o artista não teria

conseguido participar do concurso a que se destinariam. Essas gravuras foram posteriormente reproduzidas em pranchas coloridas por meio do trabalho dos xilogravadores franceses R. Jacquet e J. Taricco (Câmara dos Deputados, 2002). Creio que uma dessas 100 ilustrações, esta sobre o canto XIII, auxilie na compreensão da atmosfera descrita por Dante a que faço alusão:



Figura 2 - *La Selva dei Suicidi* - A Selva dos Suicidas - A Divina Comédia de Dante - Inferno, Canto XIII

O narrador de *Memórias de um Suicida*, sobre as prováveis comparações que seriam feitas com *A Divina Comédia*, adianta-se:

É bem possível que haja quem ponha a discussões mordazes a veracidade do que vai descrito nestas páginas. Dirão que a fantasia mórbida de um inconsciente exausto de assimilar Dante terá produzido por conta própria a exposição aqui ventilada... esquecendo-se de que, ao contrário, o vate florentino é que conheceria o que o presente século sente dificuldades em aceitar... (Botelho, 2009, p. 23)

Em seguida, aprofunda o diálogo direto com o leitor:

E o leitor perdoe à minha memória estas minudências talvez desinteressantes para o seu bom-gosto literário, mas úteis, certamente, como advertência ao seu possível caráter impetuoso, chamado a viver as inconveniências de um século em que o *morbus* terrível do suicídio se tornou mal endêmico. Não pretendemos, aliás,

apresentar obra literária para deleitar gosto e temperamento artísticos. Cumprimos um dever sagrado, tão-somente, procurando falar aos que sofrem, dizendo a verdade sobre o abismo que, com malvadas seduções, há perdido muita alma descrente em meio dos desgostos comuns à vida de cada um! (Botelho, 2009, p. 57)

No intento de compreender a configuração espacial e literária do vale dos suicidas por meio das comparações com o texto canônico de Dante, percebo que uma estética da violência é requisitada por ambas as obras em suas partes iniciais. Uma diferença crucial, porém, enleva-se: a de que as realidades vivenciadas no “Inferno” de Dante Alighieri são permanentes, eternas — uma vez que, na entrada de seu Inferno, encontra-se a famosa inscrição “deixai, ó vós que entraís, toda a esperança” (Alighieri, 2017, p. 29) — e a realidade do “Vale dos suicidas” é temporária, uma vez que a filosofia espírita documentada por Kardec, que serve de base para esse romance, compreende que os Espíritos estão em constante evolução e não se prendem a um castigo ou destino imutável; tampouco compreende a existência de um inferno definitivo para o espírito humano. Portanto, levando em conta o contexto do romance, os Espíritos, ainda que se tornem seres estacionários em alguma realidade e por algum tempo, nunca retroagem e tendem ao melhoramento com as provas vivenciadas (Kardec, 2016, p. 96-100).

Michel Foucault, em *Vigiar e Punir*, aborda a evolução das formas de punição de condenados ao longo dos séculos com o conseqüente abrandamento dos antigos meios de suplício e explica que essa evolução não se dá apenas pela diminuição de intensidade da severidade penal, mas pelo deslocamento do objeto da operação punitiva que deixa de ser o corpo dos condenados e passa a ser a alma das pessoas. Assim, “à expiação infligida no corpo deve suceder um castigo que atue profundamente sobre o coração, o pensamento, a vontade as disposições” (Foucault, 2013, p. 37).

Em *Memórias de um Suicida*, a punição recai sobre o espírito dos réprobos (aqueles que praticaram o autoextermínio), o que representa um deslocamento punitivo do corpo físico para o corpo espiritual. A esse respeito, observa-se que “o suicídio voluntário é uma transgressão da Lei divina”, conforme registra Kardec (2016, questão 944, p. 410) em capítulo denominado “Penas e gozos terrenos”. O narrador Camilo afirma, por sua vez, que lutas infinitamente mais difíceis o aguardavam após o túmulo a fim de o “chicotearem a alma de descrente e revel,

com merecida justiça” (Botelho, 2009, p. 39). O capítulo “A Mansão da Esperança”, na terceira e última parte da obra de Camilo Cândido Botelho, evoca uma outra ordem de imagens, agora ligadas ao propósito de demonstrar o processo de regeneração e de educação dos Espíritos que se permitiram progredir. Em sua primeira noite na mansão, por exemplo, Camilo rememora a experiência singular que tivera na cidade universitária, muito diversa da que se lê no início do livro:

Nossos **aposentos deitavam para o jardim** e das ogivas que os rodeavam descortinávamos o **vasto horizonte** da metrópole, marchetado de **pavilhões graciosos como construídos em madre pérola**, e de cujos **caramanchões, que os enfeitavam pitorescamente, evolavam-se fragrâncias delicadas de miríades de arbustos e flores viçosas**, não mais insípidas, níveas, como no Departamento Hospitalar (Botelho, 2009, p.505).

Continua o narrador com adjetivos laudatórios, apreciativos, e acrescenta superlativos que potencializam a ideia de deleite e de prazer pelo lugar em que se encontra, atrelando essa imagem ao ambiente necessário para a reeducação dos suicidas que ali se encontram. Ao descrever a cidade universitária, registra expressões positivas como: imensas avenidas, arvoredos majestosos, lagos docemente encrespados, orlados de tufos floridos e perfumosos, cidade de fadas e conclui que o suicida deveria ali “habilitar-se para as decisivas reformas pessoais que lhe seriam indispensáveis para, mais tarde, depois de nova encarnação terrena, onde testemunhasse os valores adquiridos durante os preparatórios, ser admitido na verdadeira Iniciação.” (Botelho, 2009, p.507)

Essas descrições me remetem à construção de uma estética do deleite. Dante as corrobora na descrição do “Paraíso”, já na sua chegada à primeira estrela, a lua, na qual a virtude é menor que outros astros, mas revela já um lugar de elevação, banhado de muita luz, pois no paraíso não há sombras: “Chegados somos à primeira estrela. / **Lúcido**, espesso, sólido e polido / Vulto, qual nuvem, nos cobrir parece, / Quase **diamante pelo sol ferido**. / Na per’la eterna entramos: assim desce / **Raio de luz pela água**, que recebe / No seio, mas unida permanece” (Aligueri, 2017, Paraíso, Canto II, v. 30-36, grifos meus). No canto XXX, em esfera celeste ainda mais elevada, o “Empíreo”, Dante assim descreve: “**Fúlvido lume** um rio me afigura, / Entre margens correndo, que esmaltava / **A primavera da celeste altura**. / Do seio essa corrente arremessava / **Centelhas; que entre as flores se espargiam**

/ Como rubis, que o ouro circundava” (Aligueri, 2017, Paraíso, v. 61-66, grifos meus).

Observa-se uma descrição marmórea, perolada, lúzida, clara, tanto na estrutura da Mansão da Esperança quanto na descrição da face da lua. A água como elemento puro e cristalino reforça a beleza das flores de cores vivazes e compõe um ambiente de prazer tanto em Botelho quanto em Dante, nas partes finais de suas obras. Frise-se, entretanto, que *Memórias de um Suicida* não retrata um mundo perfeito no capítulo “A Mansão da Esperança”. Embora as construções estéticas possam ser aproximadas para fins de análise literária, o romance não narra um mundo perfeito, próprio dos espíritos em topo de grau de evolução; antes, retrata um espaço de redenção, aprendizado e recomeço, em que a esperança de uma vida plena e melhor é destacada para espíritos em caminho evolutivo e não em estado de perfeição. O êxtase é, então, relativo, dada a noção espiritual de uma caminhada ainda em curso.

Os capítulos selecionados do romance de Botelho revelam paisagens detalhadamente construídas, demonstrando uma preocupação estética que chega a ser funcional. Essas descrições do ambiente acompanham a evolução interior do personagem principal, desde o seu suplício até o seu momento de redenção para um novo início. Espaço interior e exterior vinculam-se, portanto, construindo uma atmosfera hora de dor, hora de deleite.

Assim, Camilo retorna à vida corporal, (subcons)ciente da eternidade da alma e da transmigração do espírito, ganhando novo lugar, agora o berço de uma nova casa, pois, como diria Bachelard (2008, p. 201), “antes de ser ‘atirado ao mundo’, como professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa”. Resolve-se, embora não terminalmente, a tragédia que havia sido instalada desde o seu violento ato.

4. ANTES E DEPOIS DO TIRO: PSICOSFERA E SUICÍDIO

Durante as leituras sobre os lugares do suicídio, observei que os autores apontam para uma interconexão entre a esfera subjetiva do suicida e o lugar por ele escolhido para o autoextermínio. Muitos casos demonstram uma preferência

recorrente por lugares em comum, sem que essas pessoas detenham conexão pessoal prévia, entretanto. Thomas Macho, buscando compreender a eleição dos lugares de suicídio, lança as seguintes perguntas:

Teriam então nossas casas se transformado há muito em 'não lugares'? Será que faz alguma diferença se subimos em torres ou escalamos falésias, se caminhamos por pontes ou estradas de ferro, se vamos a quartos de hotel, florestas ou ficamos num lugar nas nossas casas — a cama, o porão ou a banheira — para tirarmos a própria vida? Ou é exatamente o contrário? Será que os famosos locais de suicídio — para além do mero impulso de imitação — não são frequentados precisamente porque se transformaram de forma gradual em 'lugares antropológicos' onde o caminho para os deuses e para o submundo já foi percorrido muitas vezes?" (Macho, 2021, p. 380).

Diante dos casos partilhados e das perguntas de Macho, recorro ao conceito de psicofera, o qual é reconhecido como a energia radiante que circunda o organismo humano, constituindo-se em campo de forças permanentes, alimentado pelo pensamento contínuo e estado emotivo da criatura em todos os momentos existenciais (Teixeira, 2015). Trata-se de neologismo advindo da junção das palavras gregas *psyché* (*alma, espírito, mente*) e *sphaira* (*esfera, globo*), significando campo ou esfera da mente ou do espírito. O termo é atribuído ao Espírito André Luiz, autor reconhecido dentro e fora da comunidade espírita pelos seus romances, sendo *Nosso Lar* o mais difundido deles (Mendes, 2013). Apesar de o termo ser relativamente recente, datando mais ou menos da segunda metade do século XX, a ideia central de um campo de forças mentais e de capacidade interativa não é nova, sendo estudada por outros autores e em diferentes épocas com nomes diversos.

André Luiz explica que a psicofera ou halo psíquico organiza-se qual ocorre com a chama de uma vela que, valendo-se do combustível que a nutre, estabelece o campo em que se lhe prevalece a influência (Luiz, 2016, p. 101). Para L. Palhano Jr. (*apud* Mendes, 2013, p. 39), no *Dicionário de Filosofia Espírita*, a psicofera é compreendida como sendo "o mesmo que aura; ambiente psíquico, campo de influência psíquica de um indivíduo, pessoa, animal, vegetal, objeto, ambiente, planeta etc".

Assim, a psicofera humana é formada pelo conjunto de emoções e pensamentos que cada pessoa mantém e que se estabelece em forma de fluxo contínuo, convergindo para si e direcionando-se para o ambiente e para o outro. Esse núcleo de força emanado por cada pessoa transcende o tempo e o espaço,

uma vez que estamos inseridos todos em uma vida de relação, e direciona-se ao ambiente:

A emissão contínua dos pensamentos carregados de emoção, sentimento e afetividade, produz um campo de força que se exterioriza além do núcleo emissor da mente, gravitando no meio ambiente no qual a pessoa permanece, impregnando os objetos e as coisas que mais diretamente possam estar relacionadas com ela e sua história próxima ou remota, desta ou de outras vidas (Teixeira, 2015, p. 81).

Compreende-se, assim, a existência de uma psicosfera ambiental que “reflete a natureza dos pensamentos, emoções e sentimentos do homem em sua vida de relação no ambiente doméstico, no seu trabalho e nos próprios recintos de recreação e divertimentos” (Teixeira, 2015, p. 82). Joanna de Ângelis, pela psicografia de Divaldo Pereira Franco, em 1974, tratando da temática de Ecologia e Espiritismo, aponta para uma preocupação com a devastadora poluição ambiental, mas também com a poluição mental do planeta:

Estando a terra vitimada pelo entrechoque de vibrações, ondas e mentes em desalinho, como decorrência do desamor, das ambições desenfreadas, dos ódios sistemáticos [...] a poluição mental campeia livre favorecendo o desbordar daquela de natureza moral, fator primacial para o aparecimento das outras que são visíveis e assustadoras (Franco, 1985, p. 24).

Como pode ser visto, segundo o conceito de psicosfera, a natureza e a qualidade dos nossos pensamentos e emoções, para além das falas e atitudes, têm o condão de interferir no ambiente em que vivemos e na nossa vida relacional; de igual modo, o ambiente em que estamos inseridos também influi no nosso campo vibracional, interferindo na nossa esfera mental e comportamental.

Esse conceito parece se aproximar, em perspectiva negativa, ao que Thomas Macho (2021) recuperou como o *Odium* de alguns lugares propensos ao desastre. Esse termo refere-se a locais que parecem ter propensão a ocorrências de violência, seja de autoextermínio ou direcionada ao outro. Nessa linha de pensamento, Marquetti cita alguns eventos de suicídio que ocorreram em bairros não periféricos; neles, “os suicidas residiam nesses mesmos bairros e até na mesma rua” (Marquetti, 2022, p. 102). Ao analisar cenas de suicídio no Viaduto Santa Ifigênia, no centro de São Paulo, registra ainda a indagação de um de seus entrevistados: “O que é que

tem esse viaduto que vem todo mundo se matar aqui? Mais que no viaduto do Chá...!” (Marquetti, 2022, p. 154).

Sobre esses lugares, a pesquisadora afirma que a escolha do local de suicídio está articulada ao espaço que o sujeito ocupa em vida, um lugar principal ou secundário. Essa conclusão dialoga com a noção de psicosfera, uma vez que se trata de uma dinâmica eminentemente interrelacional e fortemente subjetiva. Bachelard (2008, p. 200), sobre a escolha pessoal por espaços, indica, de fato, tratar-se de uma eleição íntima e de observação cautelosa, ao exclamar:

Mas quantos problemas conexos encontraremos se quisermos determinar a realidade profunda de cada um dos matizes de nossa atração por um lugar escolhido! Para um fenomenólogo, o matiz deve ser tomado como um fenômeno psicológico de primeira ordem. O matiz não é uma coloração superficial suplementar. É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”.

Ainda no levantamento realizado por Fernanda Marquetti, observou-se que muitos suicidas se dirigem ao chamado “centro velho” da cidade de São Paulo para o autoextermínio. Segundo a autora, “quando pensamos a que está associado este nome e lugar, ‘centro velho’, logo o relacionamos à deterioração, à decadência, à marginalidade, ao caos, à criminalidade, à aglomeração (Marquetti, 2022, p. 99). Esse centro nem sempre foi assim, mas padece de profundo desinvestimento social e político. A autora conclui que, quando os suicidas procuram esse centro, procuram um lugar provável de exclusão (Marquetti, 2022, p. 100). O ambiente, portanto, seleciona e é selecionado, agindo como organismo vivo a influir e ser influenciado por quem nele habita ou com ele convive.

Possível me parece, então, na razão de uma psicosfera ambiental, que os lugares a que se referem Macho, Marquetti e tantos outros pesquisadores, passam a ser influenciados pelas tendências, sentimentos e pensamentos de quem os procura, tornando-se lugares atrativos àqueles que, por razões diversas, estão propensos à mesma sintonia, pois, como já dito, o campo individual está a todo o momento em diálogo com o ambiente. Não se trata, porém, de determinar uma causa para um ou alguns casos de suicídio, mas de aproximar conceitos e ampliar possibilidades analíticas, inclusive no campo dos estudos literários, uma vez que estes já se abrem para essa aproximação, como é o caso da literatura espírita e, mais precisamente, de *Memórias de um Suicida*.

Sobre a constituição dos espaços e a interrelação do ambiente com a individualidade dos suicidas na obra de Botelho, por exemplo, o autor Alírio Cerqueira Filho (2019) atenta dizer respeito às realidades e atos instintivos do Espírito. Logo, não se trata de um lugar físico, palpável, mas formado pelo padrão vibratório dos pensamentos, o que influi no ambiente coletivo, remetendo-nos à noção de psicofera. Quanto a essa afirmação, o narrador Camilo partilha sobre o efeito coletivo das realidades mentais individuais:

Dotado de grande sensibilidade, para maior mal tinha-a agora como superexcitada, o que **me levava a experimentar também os sofrimentos dos outros mártires meus compares, fenômeno esse ocasionado pelas correntes mentais que se despejavam sobre toda a falange e oriundas dela própria**, que assim realizava impressionante afinidade de classe, o que é o mesmo que asseverar que **sofríamos também as sugestões dos sofrimentos uns dos outros, além das insídias a que nos submetiam os nossos próprios sofrimentos** (Botelho, 2009, p. 26, grifos meus).

A psicofera individual extremamente atormentada de Camilo nos primeiros tempos de vida espiritual, ainda no “Vale dos Suicidas”, agregava em si pensamentos repetitivos que o faziam reviver a própria morte por mais de uma vez. Essas emanções mentais serviam a ele de presídio da própria consciência torturada. Outros espíritos repetiam suas cenas de morte e estas influíam sobre os demais espíritos ali presentes, o que ratifica o efeito coletivo da psicofera.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semântica do espaço nunca me pareceu tão crucial e ampliada em um estudo literário como nos estudos críticos de suicídio. Tampouco me revelou caminhos como os que apareceram da convergência de temáticas singulares, embora por vezes relegadas, como as da literatura espírita e da suicidologia crítica literária. Ao confrontar os estudos de Fernanda Marquetti sobre o espetáculo suicida e a importância do lugar para o ato de autoextermínio com *Memórias de um Suicida*, foi possível compreender que o espaço é ora a eleição do ser com toda a sua carga de subjetividade, ora a representação do próprio ser como espelhamento de si, considerando, em ambos os casos, a influência da coletividade nessa construção. Assim, objetivei demonstrar que há uma relação íntima entre espaço e

subjetividade, tanto no campo dos estudos espíritas, por meio do conceito de psicofera criado por André Luiz e estudado por Teixeira, como no campo de estudos literários e sociais, a partir de contribuições de Bachelard e Marquetti, respectivamente.

A temática pede fôlego, entretanto, e convida para uma pesquisa mais aprofundada em que se possa melhor trabalhar tanto a dinâmica de aproximação de estudos espíritas com os estudos da ciência literária, como estudos de suicidologia crítica com essas demais áreas. Nesse sentido, reforço, ainda, que me parecem inovadores os estudos acadêmicos no campo da literatura espírita e no campo da suicidologia crítica literária; ademais, a questão do espaço do suicídio, como já dito, não é devidamente tratada e esta pesquisa a invoca por outra perspectiva — a espiritual —, a fim de ampliar sua extensão semântica, o que certamente poderá enriquecer a fortuna literária disponível sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia: inferno*. Tradução de Xavier Pinheiro. - 12. Ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ANDRÉ, Willian; SOUZA, Gustavo Campos de. O suicídio na literatura. In: ANDRÉ, Willian; AMARAL, Lara Luiza Oliveira; PINEZI, Gabriel (orgs.). *Literatura & suicídio*. Campo Mourão. Editora Fecilcam, 2020, p. 27-46.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antônio Carlos Braga. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BOTELHO, Camilo Cândido (Espírito). *Memórias de um Suicida*. Orientação do Espírito Léon Denis e Psicografia de Yvonne A. Pereira. 7. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira (FEB), 2009.

CÂMARA DOS DEPUTADOS (BRASIL). *A divina comédia de Salvador Dalí: Coleção Lover Ibaixe*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2002.

CERQUEIRA FILHO, Alírio de. *Suicídio: falsa solução*. - 2 ed. - Cuiabá, MT: Editora Espiritizar, 2019

CPS. *La Selva dei Suicidi* [online]. Disponível em: <https://www.cps.pt/pt/loja/ex0877>. Acesso em: 03 fev. 2025.

FRANCO, Divaldo P. Após a tempestade. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 3. ed. Salvador (BA): Leal, 1985.

FREITAS, Alice. [S.N.]. Arte digital. Disponível em: <https://estudoscriticosdesuicidio.com>. Acesso em: 06 fev. 2025.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. - 4. ed. - Brasília: FEB, 2016.

LUIZ, André. *Evolução em dois mundos*. Psicografia de Chico Xavier e Waldo VIEIRA. - 27 ed. - Brasília: FEB, 2016.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores*. 2. ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.

MENDES, André Trigueiro. *Espiritismo e ecologia*. - 3. ed. - Brasília: FEB, 2013.

TEIXEIRA, Cícero Marcos. *Psicosfera*. 2. ed. Porto Alegre: Francisco Spinelli, 2014.

TV CELD. Estudo 1 – Aprofundando a obra de Yvonne Amaral Pereira: Memórias de um Suicida. [Vídeo]. Youtube, 15 Jan. 2024. Duração: 59min50seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/dD1Wc1mr3A0?si=t97VXZ7TfpQE2Vme>. Acesso em: 26 jan. 2025.